

AURENQUE, Diana. **Die medizinische Moralkritik Friedrich Nietzsches. Genese, Bedeutung und Wirkung.** Erste Auflage, Wiesbaden: Springer, 2018. 198 p.

Carlos Estellita-Lins¹

A obra *Die medizinische Moralkritik Friedrich Nietzsches. Genese, Bedeutung und Wirkung*, de Diana Aurenque, resulta de uma longa pesquisa que se iniciou em 2011 no Instituto de Ética e História da Medicina da Universidade de Tübingen², prosseguindo em Weimar com bolsa de *fellow*, em Puebla no México e em Santiago do Chile. A autora é doutora em filosofia e colaboradora do Instituto, estando a publicar em bioética. Igualmente faz uma reflexão sobre saúde que inclui Habermas ou Foucault. No caso deste último, pertinente e até notável, pois encara o corpo, o adoecimento e a normatividade vital. Algo essencial na apropriação de Nietzsche por Foucault, que constitui exceção à prodigalidade de estudos perfunctórios no tema.

O livro deve ser saudado entre outros menos recentes³, que inclusive esforça-se por situar, sem empreender polêmica, debate ou reconsideração. Exibe a marca de sua compatriota Vanessa Lemm, sem esquecer os animais nietzschianos, assim como a luxuosa consultoria de Werner Stegmeier. Além dos clássicos, Jaspers, Schlechta e Erich Podach tematizando a patografia, temos Wolfgang Müller-Lauter e Werner Stegmeier na discussão sobre fisiologia. Enquanto A. Mittasch era o único trabalho disponível em 1944, a investigação das fontes do pensamento de Nietzsche, mais atual e facilitada sobretudo depois de Campioni & D'Iorio et alli., tem gerado esforços de circunscrição temática. Mais recentemente dicionários técnicos do

¹ Graduado em Medicina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre e doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Leciona em pós-graduação no ICICT-FIOCRUZ como professor credenciado na Capes (doutorado, mestrado) assim como em especialização, atualização e extensão. Atua como pesquisador na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: cefestellita@gmail.com

² Dirigido por Urban Wiesing e aparentado com o lendário *Institut für Ethik und Geschichte der Medizin*, de Bonn (Heinrich Schipperges foi seu diretor por décadas), fomenta pesquisas sobre a relação de Kant e Heidegger com a medicina, sobre a correspondência de Sigmund Freud com sua esposa Martha Bernays e acerca de muitos temas clínicos como *health care*, placebo, senilidade, conceito de doença; além de assunto obrigatórios como neurociência de primatas e neuro-estimulação, entre muitos outros.

³ BROBJER T.H.; MOORE, G. *Nietzsche and Science*. 1st. ed. London, Amsterdam, Brussels: Routledge, 2004. 1v. ; CAMPIONI, von G.; D'IORIO, P.; FORNARI, M.C.; et al. *Nietzsches persönliche Bibliothek*. Berlin: Walter de Gruyter, 2003.; H. HEIT; HELLER, L. (Orgs.). *Handbuch Nietzsche und die Wissenschaften*. Berlin, Boston: Walter de Gruyter, 2014.; OTTMANN, H. *Nietzsche-Handbuch: Leben – Werk – Wirkung*. Stuttgart/Weimar: Metzler Verlag, 2000.

vocabulário filosófico de Nietzsche vem oferecendo verbetes eruditos dedicados ao que veio a ser o campo biomédico.⁴

Um panorama extenso nos é oferecido, hesito em dizer exaustivo, mas bastante completo nos tópicos escolhidos assim como em seu desenvolvimento. O texto é enxuto, resenhístico e preciso, presumivelmente redigido por falante não autóctone. Sua leitura confirma a existência de um conjunto considerável de obras sobre Nietzsche e as ciências, com destaque para a medicina (talvez questionável), incluindo especialmente a saúde, a fisiologia e a doença.

Desde o título, é concedida ênfase à medicina: *A Crítica-Moral da Medicina por Frederico Nietzsche. Gênese, Interpretação e Repercussão*. O livro consiste em três partes articuladas, embora a última funcione como estudo de caso ou comentário *ad hoc*. Na introdução é apresentado o escopo da investigação e pressuposta a ideia de que a medicina e a filosofia encontram-se, talvez especialmente a partir de Nietzsche. Esse pressuposto, aliás louvável, me parece problemático do ponto de vista da Filosofia contemporânea assim como do ponto de vista da própria medicina, pois pressupõe saberes consolidados. Estariam estabelecidos e fixados de maneira razoavelmente permanente. Qualquer um que se debruce sobre a dispersão das disciplinas científicas operantes no campo biomédico pode hesitar em reconhecer uma “medicina”, que me parece uma palavra-valise, sob a nuvem de especializações e práticas – espessa, complexa e absolutamente insondável nos saberes contemporâneos. No caso da história da filosofia do século XX isto é inegável, assim como sua tração ou imantação por um *corpus* científico multivariado. Notemos aqui que o sentido de “medicina” ou “médico” não é esclarecido nem detalhado, o que não invalida a série proposta. Sabe-se que o físico pré-moderno não é o cirurgião medieval, nem tampouco se confunde com os “sangradores”, curas de aldeia ou clínicos da Escola de Paris. Todos praticavam alguma forma de cuidado com os corpos enfermos, mas somente o último reivindicou sua legitimidade através da física e da química, sendo fisicalista e experimental. Existe o risco de anacronismo, *whig history*, elisão dos debates da historiografia das ciências, omissão da história das controvérsias, captura pela sociologia mertoniana da ciência, etc. O século XIX desembaraça vitalismo, mecanicismo, materialismo e fisicalismo para melhor confundi-los novamente. Minha atuação no grupo de pesquisa Nietzsche-gambiarra, na Fiocruz, sugere que é mais prolífico pensar que Nietzsche

⁴ ASTOR, Dorian (Org.). *Dictionnaire Nietzsche*. 1ere. ed. Paris: Editeur Robert Laffont, 2017. 1v.; MARTON, Scarlett. *Dicionário Nietzsche*. 1a. ed. São Paulo: Edições Loyola/Gen Grupo de Estudos Nietzsche, USP, 2016. 1v.;

refletiu através de conceitos forjados pelo campo da fisiologia-patologia, nos oferecendo algumas saúdes e algumas medicinas para frequentar e por que lutar.

Seria útil uma periodização cuidadosa dos textos “médicos” de Nietzsche? A autora não se propõe a isto. Contudo, neste trabalho encontramos boas pistas para as leituras de Nietzsche relacionadas com o campo, embora seja sempre difícil decidir o que é química orgânica, fisiologia, *materia medica* e teoria da enfermidade, ou ainda o que é obra de vulgarização (exotérica), estudo original esotérico ou de história da ciência. Por exemplo, no caso das obras de autoria de Hermann Kopp, que sendo químico renomado e também filólogo, escreveu nos três gêneros, sabe-se que somente as obras de história da química foram pesquisadas na biblioteca de Basel por Nietzsche⁵. Tenho a impressão, acompanhando Pierre Montebello⁶, de que encontramos temas afins desde a juventude, mas com maior ênfase em *Humano, Demasiado Humano* e depois a partir de *A Gaia Ciência* até os anos finais (períodos marcados por crises e adoecimento clínico indiscutível).

A primeira parte trata da “influência da medicina enquanto ciência fisiológica no pensamento crítico-moral de Nietzsche” (2018: p. 9-70). Esta seção é bastante equilibrada e decisiva para o raciocínio que privilegia a medicina em função da vida. Entre alguns filósofos que também eram médicos ou quase (Hipócrates de Cós, Alcmeão de Crótona, Demócrito, Paracelso, Schopenhauer), destaca-se o coroamento desta articulação com Nietzsche. Aurenque afirma que: “Uma cooperação paradigmática entre medicina e filosofia que a filosofia de Nietzsche tornaria conhecida através do corpo como fio condutor (*am Leitfaden des Leibes*), cooperação esta que é situada pelos homens e seus corpos no centro de ambas as disciplinas.” (2018, p. 5) A rigor, foi Schopenhauer, aluno de medicina e interlocutor bissexto da geração dos fisiologistas experimentais, que trouxe a fisiologia científica emergente para dentro da herança kantiana. Neste afã, lhe concedeu nexos avessos ao positivismo comtiano, que por sua vez permaneceria absolutamente fascinado pelo princípio de Broussais (continuidade de normal e patológico). O tema do fio condutor vermelho que parte do animal é da terceira crítica kantiana, sua exegese ligada à fisiologia dos órgãos dos sentidos é claramente schopenhaueriana, mas Aurenque também nos guia, ao destacar a relação nietzschiana entre corpo e fisiologia, numa acepção ainda maior do que o glorioso corpo-organismo inventado no século XIX.

⁵ KOPP, Hermann. *Beiträge zur Geschichte der Chemie*. erste Auflage. Braunschweig: Verlag Friedrich Vieweg und Sohn, 1869. 1v.; KOPP, Hermann. *Die Entwicklung der Chemie in der neueren Zeit*. erste Auflage. München: R. Didenbourg, 1873. 1v.; cf. FP 1873 26[1].

⁶ MONTEBELLO, Pierre. *Vie et Maladie chez Nietzsche*. 1ere. ed. Paris: Ellipses, 2001. (Philo, Jean-Pierre Zarader).

Temos que nos conformar que tal exploração seja necessariamente incompleta face à extensão dos interesses de Nietzsche em sua busca pelos vastos desenvolvimentos da medicina clínica, da fisiologia teórica e da medicina experimental fisicalista alemã. Sabemos, embora isto não seja explorado pela autora, que as raras incursões de Nietzsche na contrapartida fisiológica francesa emergem de modo torto e esquivo, mas nem por isso equivocado ou desimportante. Georges Canguilhem está surpreendentemente ausente de suas considerações sobre Nietzsche e acerca da fisiologia de Claude Bernard, embora ocorra um resgate da medicina experimental com a utilização do Tratado de História da Fisiologia de Karl Rothschuh.⁷

Para o encaminhamento dessa “influência do fisiológico médico-científico no pensamento crítico-moral” várias etapas são propostas (p. VII; 5-6). A autora admite que a filosofia de Nietzsche empreende um diálogo crescente com a medicina de seu tempo enquanto ciência da natureza. Há um engenhoso encaminhamento que se inicia pelo programa da patografia. Um resumo do sofrimento e doença intermitente é feito a partir de Karl Jaspers e Pia Volz: Nietzsche paciente viveu com diagnóstico de sífilis, autodiagnóstico de neurastenia e desconhecimento de seu estado último, por demência paralítica (p. 15-16). Isto serve para enquadrar patograficamente o grande interesse nietzschiano por medicina e fisiologia durante sua vida, inclusive no sentido de buscar ser médico de si mesmo (*cura sui* hipocrática). O interesse teórico também se origina na vida, mas não se explica completamente por sua própria enfermidade.

Aurenque destaca fundamentalmente o “sobrevôo da Medicina” como uma ciência da natureza (*Naturwissenschaft*) fisiológica, e se encaminha para delimitação de “questões epistemológicas” (*Epistemologische Fragen*) como pano de fundo: o embate do materialismo contra o idealismo (p. 23). A partir daí a autora aborda uma trajetória aonde o fisiológico e o médico levariam Nietzsche de uma Arte, ou artifício filosófico, até uma “filosofia científica”.

Temos então o dobramento de uma cascata de pontos importantes, que pelo simples fato de estarem ordenados e articulados já trazem uma contribuição inestimável à discussão sobre Medicina e o processo saúde-doença. O Darwinismo no pensamento nietzschiano é investigado, a saber, o caráter agonista e a luta pela vida, a seleção natural, a sobrevivência dos mais aptos e mais adaptados ao meio, a mediocridade e os mais fracos vencendo a luta (*Kampf*) pela existência/vida. Em meio a inúmeras apropriações do darwinismo uma obra de William Henry

⁷ ROTHSCHUH, K.E. *Geschichte der Physiologie*. erste Auflage. Berlin, Göttingen, Heidelberg: Springer Verlag, 1953.

Rolph (1884)⁸, sobre biologia e ética racional, teria feito a cabeça de Nietzsche (pg. 38-39). Na adaptação às circunstâncias externas do meio ambiente é preciso compreender a diferença entre sobrevivência e incremento de potência. A luta pela existência não deveria ser entendida como luta defensiva (*Vertheidigungskampf*) mas como guerra beligerante (*Angriffskrieg*), representando um “anti-darwinismo” que pensa o aumento de poder do vivente em sua relação com a vida (p. 45).

Não menos importante, será tratado o tema da alimentação (*Ernährung*), nutrição e digestão como problema filosófico maior, relacionado com o campo biomédico, derivado das forças e da vontade de potência; e ainda o organismo em suas relações com vontade de potência. A ciência experimental é investigada supondo que se tornou paradigma para a filosofia. A primeira parte encerra-se com o tema atualmente tão estudado da *décadence* em suas relações com a fisiologia (p. 63-70).

A proximidade dos temas escolhidos nesta sequência não deve ser vista como casual. Há pois uma conexão da história do metabolismo com o estudo da digestão e a construção do conceito de organismo. Existe ainda o problema da meteorologia. Tudo isto delimita o laço entre Hegel e Darwin destacado por Stegmeier, que por sua vez não impede uma distinta dialética de Mesmo e Outro, afastada da negação e bastante convidativa ao pensamento sobre o nihilismo.

A segunda parte trata da filosofia “propriamente médica”, *Medizinische Philosophie*. Se pretendia “demonstrar a efetiva influência das ciências médicas & da natureza na criação do pensamento crítico-moral de Nietzsche” (p. VIII), na etapa subsequente quer “esclarecer a significação de sua crítica moral médico-filosófica”. É onde se encontra uma exposição encadeada de conceitos operatórios do pensamento de Nietzsche relacionados com saúde e doença. Aurenque organiza a relação entre o pensamento de Nietzsche e a medicina. Existe uma promessa de exegese, conformada pela exploração da significação de três conceitos: arte de viver, digestão e sofrimento.

Ao discutir o que significa *Medizin* ou *Philosophie*, a partir de Nietzsche, irá resolvendo o difícil problema desta interarticulação, através de uma arte de viver (*Lebenskunst*) e de um pensamento dietético (*Diätetisches Denken*). Trata então da dietética através da metáfora médica (não deixa de se assemelhar com Foucault em *O Cuidado de Si*), do homem entendido

⁸ Diana Aurenque afirma sobre ele que: “Rolph, was für Nietzsche Zentral ist” (op. cit. p. 54); ROLPH, William Henry. *Biologische Probleme zugleich als Versuch zur Entwicklung einer rationalen Ethik*. zweite erweiterte Auflage. Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann, 1884.

como enfermo, e especialmente como animal doente, para articular a moral como medicina e a moralização da vida. A genealogia da moral ganha ares de terapêutica da Cultura.⁹

Outro elemento que encerra o percurso é exatamente a questão da terapêutica, em sentido lato, colocando-se de modo excêntrico na trajetória. Existe aqui um claro privilégio do sofrimento e sua releitura a partir de Schopenhauer, da relação de dor e sofrimento, da relação com o mundo, e, portanto, a sensibilidade e ainda o problema inexplorado do *pathos*, que me parece pouco estudado em sua relação com a patologia. Emerge uma tríade – compaixão *Mitleid*, amor pelo próximo/semelhante, *nächsten liebe* e o regozijo *Mitfreude*. Trindade que, por mais justificada que esteja, tem estranha semelhança com a agenda de releitura da sciência na obra de Schopenhauer e Kant, especialmente a partir de Ursula Wolf e Ernst Tugendhat. A questão final estaria na produtividade *Produktivität* da dor e do sofrimento. Modo curioso de abordar a superação do nihilismo, mas por que não falar em produtividade? A questão da crítica do antropocentrismo, na concepção de homem como animal doente é espinhosa, mas muito atual.

A terceira parte dedica-se à recepção do pensamento de Nietzsche na medicina de hoje, tencionando “investigar e tematizar a recepção e atualidade do pensamento crítico-moral de Nietzsche nos questionamentos e debates da ética médica atual” (p. 151-190). Ao falar na medicina hodierna, Aurenque faz uma escolha que, no caso, pode soar bastante arbitrária, pois derivada de um privilégio implícito da bioética em sua “reapropriação” da filosofia de Nietzsche. Entretanto, não há dúvida de que nos mostra o que existe, sem inventar. Certamente é compreensível o viés de sua inserção num determinado campo de investigação atual.

Naquilo que é tratado na terceira parte como uma recepção do pensamento de Nietzsche pela ética médica (atualmente bem editado e, portanto, mais lido), verificamos uma ênfase no debate sobre o “transumanismo”.¹⁰ Igualmente aparece a estimulação-potencialização biológica (drogas para aumentar a potência sexual, *neuroenhancers* como metilfenidato, doping esportivo, cirurgia estética, tratamentos anti-envelhecimento ou próteses físicas de alto desempenho). Ambos “tem estrutura semelhante” diz a autora. O debate do tranhumanismo prolifera num periódico de bioética intitulado *Journal of Medicine and Philosophy*. Toda esta agenda inclusive move-se no sentido de uma vida artificial e virtual, mas parece padecer de uma ingenuidade antropomórfica que ambiciona julgar a vida. O aprimoramento tecnológico

⁹ Este encaminhamento, que coloca involuntariamente em cena o método de Ferdinand Alquié, da historiografia filosófica trabalhada como desenvolvimento ou trajetória conceitual, lhe serve para chegar então à Grande Saúde.

¹⁰ Para uma obra de síntese ver GORDIJN, Bert; CHADWICK, Ruth. *Medical enhancement and posthumanity*. UK: Springer Science & Business Media, 2008.

confronta-se com atributos considerados humanos. O transhumanismo entendido enquanto tecnoprogressismo busca autores filosóficos para legitimar-se. Com seu indiscutível elogio da tecnologia, ambiciona a engenharia genética do genoma humano, pretendendo dividir a vida em “bioconservadores” ou não. Em dois artigos pregressos que alimentaram este capítulo, Aurenque refuta a interpretação do *Übermensch* como *verbesserung* hipertecnológico pretendido por alguns transhumanistas.

Sentimos falta aqui de alguma menção à Donna Haraway e suas variações do nietzscheísmo deleuziano, que teria sido um avatar do movimento (contestado por ela com sua teoria das espécies companheiras). Primatas, cyber-mulheres e robótica não estão convidados para a festa de uma nova natureza desnaturada mas para uma “anti-natura” que celebra híbridos construídos pelas controvérsias científicas. Para sua biopolítica pós-feminista não se trata de se tornar pós-humano mas de entender como nos tornamos pós-humanistas.¹¹

Outro aspecto examinado é a ética do cuidado, no caso, em relação com a intersexualidade – Feder, Yulo e Frances Opper, que publicou um estudo sobre Nietzsche e gênero (“para além de homem e mulher”), são os autores envolvidos. Não se fala exatamente dos debates de gênero, e tampouco da feminilidade como problema na obra de Nietzsche, mas emerge a escolha no intersexo, para além da moral, e sua relação com o amor e a amizade.

A Grande ênfase na Autonomia em contrapartida à uma bioética do paternalismo tem arregimentado médicos para textos nietzschianos, como na agenda que é entendida enquanto uma pluralização da Saúde. Uma dietética, a complexidade das constituições corpóreas e a tarefa do *amor fati*, de alinhar-se com a importância de sua fisiologia, parecem apontar para uma construção do próprio corpo ligada à grande saúde. Animalidade e incapacidade/disfunção desenham o mapa desta pluralização da saúde (*Pluralisierung der Gesundheit*). O sentido do “indivíduo soberano” é levado em consideração pormenorizada.

Tendo sido, à revelia, nos anos 30, garoto-propaganda do projeto eugênico da NSDAP, Nietzsche e suas digressões de “boa morte” são reativadas de modo superficial e, portanto, polêmico. O livro irá por fim discutir eutanásia, formas de suicídio assistido e o suicídio propriamente dito, que tangenciam e se confundem com nefandos debates anteriores ligados à eugenia negativa (de tão triste memória dos Estados Unidos da América, na Alemanha e nos países nórdicos). Hoje, o risco de que tamanha vergonha venha a ser camuflada sob a genética médica (e o projeto genoma) perdura perigosamente como problema para o pensamento. É,

¹¹ O transhumanismo me parece bastante conectado com o chamado *red pill movement* trumpista/bolsonarista, em que a nuvem digital, a migração para a máquina e o vale do silício são tidos por reais, enquanto a catástrofe climática é a *blue pill* enfadonha da realidade. Uma cena de *Matrix* é obviamente a metáfora escolhida.

porém, pouco provável que o texto contribua neste debate, embora quase fosse sua obrigação. Uma exegese cuidadosa de passagens do *Crepúsculo dos Ídolos* é oferecida em seu lugar.

O fechamento da discussão, de um modo crítico, toca nos Direitos do Homem e na ética médica abordando a dignidade direitos humanos, igualdade e valores democráticos. Uma conclusão derradeira perfaz uma de remissão do programa da vontade de potência, do poder, da força e da perspectiva em relação à Vida, admitida como política. A palavra final sobre a relação da política e da saúde em Nietzsche é, sobretudo, decepcionante... chega-se à ideia de que a política está rarefeita em sua obra. Para o pensamento hoje incontornável, do antropoceno, a assunção de pelo menos um dos nexos supracitados estaria ligada à sinceridade ou veracidade do corpo.

É evidente que o aspecto radical da genealogia da moral e sua crítica perspectivista de qualquer ética não fica necessariamente a serviço do projeto de legitimação das bioéticas do pós-guerra. Talvez ao contrário, os problemas ontológicos inseridos na crítica da metafísica e do platonismo sejam muito mais ricos e importantes, embora não estejam apoiados prioritariamente nos direitos humanos. Neste sentido, o construtivismo, a sociologia simétrica da ciência e a discussão sobre a inclusão dos animais e das coisas num parlamento anti-anthropomórfico e não-anthropocêntrico estariam bem mais próximos dos questionamentos de limites ou fronteiras práticas. Com a vontade de potência e seus desdobramentos acerca da grande saúde e das perspectivas em jogo, tornamos o pensamento nietzschiano mais solto e mais feliz, do que em direta conexão ou acoplamento com aspectos morais e deontológicos da prática científica, enquadrada pela medicina e engessada por uma vontade de decisão.¹²

Por outro lado, a saúde climática está injustificadamente ausente do livro. Caberia seguir, em pleno antropoceno, todas as problematizações nietzschianas sobre a Terra, a relação da vontade com a responsabilidade e a memória, e o caráter destrutivo e apropriador do conhecimento, que são o motor da reflexão acerca do feroz animal homem, armado de conhecimento e moral, perigosas ferramentas de altíssima precisão.

Isto tem a maior importância no debate sobre a saúde contemporânea. Sendo de recente publicação e vindo de uma terra de muitas lutas ecológicas, quase poderia ser situado como negacionista, ao omitir-se acerca dos projetos de destruição da vida provenientes da grande aceleração tecnológica. Vida é saúde e doença enquanto gênese de perspectivas, sim, mas a

¹² Se você pergunta aos juízes da tecnociência, e muitos são bioeticistas, sobre o que Nietzsche tem a dizer sobre racismo, *bullying*, violência e poder, há grande chance de que a resposta fique totalmente esvaziada de política e seja destinada a uma gaveta de especialista.

vontade de potência necessariamente inclui o organismo e seu meio-ambiente, o ambiente e a Terra, e ainda os milhares de planetas que sobrevivem ao animal esperto que congelou.

Não parece interessante incluir o pensamento proteico de Nietzsche na lista de filósofos domesticados pelos manuais de bioética. As consequências políticas do “corpo a corpo” de Frederico Furioso com a doença são muitas. Penso que já realizaram um trabalho análogo ao trabalho da morte (Hegel, Bataille), se levarmos Foucault, Klossowski e Deleuze à sério. Mas, mesmo assim permanecem inesgotadas. Sempre por retomar.

Uma última palavra na direção do objeto-livro, inclusive digital. Tem a capa pertencente a sua coleção, com ótima diagramação. Falta aparelho de remissão e referências – mais pormenorizado e detalhado, assim como melhor índice de termos e autores. Uma lista detalhada das fontes separada dos comentadores especialistas na bibliografia seria ferramenta gentil para iniciação. Caberia quiçá experimentar estas nuvens de termos, geradas por aplicativos simples, que qualificam espacialmente recorrências e significâncias, fazendo um mapa.

De qualquer modo, aqueles que estudam saúde-doença em Nietzsche irão certamente se lambuzar.